Obras Completas III

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cipriano, Santo, Bispo de Cartago
Obras completas III. Volume 35/3 / Cipriano de Cartago ; tradução de Luciano Rouanet Bastos. - São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Patrística)

ISBN 978-85-349-6475-3
Título original: Epistolarium

1. Cipriano, Santo, Bispo de Cartago 2. Mártires cristãos 3. Padres da Igreja primitiva I. Título II. Bastos, Luciano Rouanet

26-4062 CDD 230

Índice para catálogo sistemático:
1. Padres da Igreja primitiva : Escritos : Teologia

CIPRIANO DE CARTAGO

Tradução:
LUCIANO ROUANET BASTOS

OBRAS COMPLETAS III

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Títulos originais:
Ad Donatum – Quod idola dii non sunt – Ad Quirinum – Ad Demetrianum – De zelo et livore – Ad Fortunatum – Sententiae episcoporum LXXXVII de haereticis baptizandis

Notas: *Luciano Rouanet Bastos, Heres Drian de O. Freitas*

Introduções e revisão de tradução: *Heres Drian de O. Freitas*

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Coordenação editorial
e revisão de tradução
Heres D. de Oliveira Freitas

Revisão
Tiago José Risi Leme
Lucas Giron
Tarsila Doná

Design
Julia Ahmed

Impressão e acabamento
PAULUS

1ª edição, 2026

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6475-3

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como "Padres da Igreja", ou "Santos Padres", e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativaram-se, em toda a Igreja, o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e do estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva,

cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo "patrologia" designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras

de escritores leigos. Por "patrística" se entende o estudo da doutrina, de suas origens, de suas dependências, de seus empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja.

Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

> Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, *Patrologia*, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

A DONATO

INTRODUÇÃO

O *A Donato* (*Ad Donatum – Don.* –) recebe o título de seu destinatário, que nos é desconhecido.[1] Talvez fosse um amigo muito próximo de Cipriano, pois o texto tem início como conversação familiar em local agradável e em tempo de descanso,[2] a partir do qual ambos terão mais fácil e aparentemente desejável acesso um ao outro.[3] A obra nasce de uma promessa que lhe fizera Cipriano, e da qual este último anota o fato de ter sido recordado.[4] Não é claro, porém, como o autor é lembrado, se por viva voz ou por carta, e identificar isso nos permitiria mais facilmente saber se a obra é registro de um diálogo, se teve origem num diálogo, posteriormente reelaborado, ou se esse é simplemente recurso literário.

Muitas são as referências a um interlocutor,[5] que não precisaria estar necessariamente diante do autor. Há, contudo, embora escassas, referências que parecem apontar a presença física do dialogante,[6] que, porém, nunca se

[1] Com efeito, dados das vidas da maioria dos contemporâneos de Cipriano citados em suas obras, mesmo se de certo relevo eclesiástico, são exíguos. Quanto, porém, à bibliografia do santo mártir cartaginês, veja-se, no primeiro tomo destas *Obras Completas*, a "Introdução geral" em PatrPaulus 35/1, 2016, 13-38, p. 13-19.

[2] Cf. *Don.* 1. O local poderia ser a propriedade de Cipriano, talvez onde será preso e julgado antes de seu martírio (cf. Agostinho, *Sermo Guelferbitanus* 28,6).

[3] Cf. *Don.* 16.

[4] Cf. *Don.* 1. Por isso, quiçá, ambos antes não estivessem tão próximos e já se tivesse passado algum tempo entre a promessa e sua realização (cf. J. Molager, "Introduction", em Cyprien de Carthage, *A Donat et La vertu de patience* – intr., trad., et notes de J. Molager, Paris; Cerf [Sources Chrétiennes – SC –] 291, 1982, 9-66, p. 37).

[5] Cf. *Don.* 1; 2; 4; 5; 6; 9; 11; 14; 16.

[6] *Don.* 1; 16.

manifesta. Embora isso cause estranheza, a tradição textual não indica ter havido no texto supressões das manifestações de Donato.[7] Enquanto ato comunicativo, portanto, a obra pode não ser um diálogo, nem ter nesse seu gênero literário. Tampouco é preciso pensar que o diálogo clássico tenha sido o modelo literário de Cipriano, que – atestá-lo-á seu uso posterior – privilegia um gênero e ato de comunicação muito mais comum e que facilmente pode recordar o diálogo: a epístola.[8]

A carta, com efeito, é a modalidade pela qual o autor pode expressar-se com naturalidade e certa liberdade,[9] com afeto por seu interlocutor como se o tivesse diante de si, e mesmo evocar experiências compartilhadas como se as quisesse reviver,[10] mas como o destinatário não está, de fato, presente, não se pode ouvir sua voz.

Duas coisas a seu respeito, todavia, o autor permite-nos pensar: que Donato já fosse cristão quando lhe escreve Cipriano;[11] que ele, porém, talvez precisasse ainda crescer na vivência da fé abraçada.[12] Isso explicaria por que nosso

[7] Cf. J. Molager, *op. cit.*, p. 35-36. Quanto às indicações acima, notas 5 e 6, e sua situação nos manuscritos, veja-se o aparato crítico dos *loc. cit.* em *Sancti Cypriani episcopi opera: Ad Donatum* – ed. M. Simonetti, Turnhout: Brepols (Corpus Christianorum Series Latina – CCL –), 3A, 1976, e seu "Praefatio ad libellos", p. vii-ix, particularmente a p. viii.

[8] Cf. Agostinho, *A doutrina cristã – doctr. chr.* – 4,31 [PatrPaulus 17, 2002, 237]. Santo Agostinho, de fato, não menciona o *Don.* entre os opúsculos (*libelli*) cipriânicos em *s.* 313C,2.

[9] Cf. J.-C. Fredouille, "Introduction", em Cyprien de Carthage, *À Démétrien* – intr., texte critique, trad. et comm. J.-C. Fredouille, Paris: Cerf (Sources Chrétiennes 467), 2003, 9-54, p. 19.

[10] Cf. *Don.* 16. Já entre os clássicos recomendava-se que a carta, em seu estilo, tivesse algo de um diálogo (cf. Δεμητρίου [Φαλερέως] Περὶ ἑρμενείας 223 – *Demetrius On Style. The Greek Text of Demetrius De Elocutione*, introd., trans., facsimiles, etc., W. Rhys Roberts, Cambridge University Press, 1902, p. 172).

[11] *Don.* 15 e 16. Vejam-se também 4 e 5.

[12] Cf. *Don.* 6 e 11.

autor põe-se a mostrar-lhe as trevas[13] e a ignorância do mundo.[14] Nisto, então, estaria o objetivo da obra: levar Donato a separar-se das honras do mundo, conformando seu viver à fé cristã – o que deveria ser empenho de cada cristão e de cada catecúmeno –, ou, num horizonte mais amplo de destinatários, levá-los a converter-se a ela,[15] abandonando as trevas e a ignorância do mundo.

A ausência de qualquer aceno a atividades ou deveres pastorais é um dos indicadores da datação da obra: anterior ao presbiterato do santo mártir e pouco posterior a seu batismo (*ca.* 246, no outono).[16] Diversamente da extragrande maioria dos textos dos Padres ou dos escritores eclesiásticos, o *Don.* carece de citações diretas das Escrituras, e alusões a passagens delas são raras. E esse é outro indicador para sua datação, pois todas as demais obras cipriânicas são, em geral, abundantes em citações escriturísticas,[17] característica da atividade, chamemo-la assim, catequético-pastoral do Santo Bispo de Cartago.

[13] *Don.* 6.

[14] *Don.* 11.

[15] Com efeito, a obra pode ter sido concebida como exortação aos pagãos (M. Simonetti, "Praefatio", em CCL 3A/2, 1976, p. 2), um convite geral à conversão (J. Quasten, *Patrologia*, Casale Monferrato: Marietti, vol. 1, 2000, p. 580), talvez destinada à mais elevada camada da sociedade pagã cartaginesa, diante da qual Cipriano pode ter querido fazer uma "muito adornada apologia" por sua conversão (G.W. Clarke, "The Secular Profession of St. Cyprian of Carthage", *Latomus* 24/3 [1965] 633-638, p. 633).

[16] Cf. V. Saxer, "Cipriano de Cartago", em *DPAC*, p. 292-294, p. 292; A. Hoffmann, "Cipriano de Cartagine", em S. Döpp e W. Geerlings (a cura di), *Dizionario di letteratura cristiana antica*, Città del Vaticano/Roma: Urbaniana University Press/Città Nuova, 2006, p. 183-189, p. 185; J. Molager, *op. cit.*, p. 6.

[17] Cf. J. Molager, *op. cit.*, p. 6.

Cipriano inicia de modo marcadamente poético[18] e, embora evoque logo a sobriedade cristã como estilo oratório[19] – em oposição à eloquência rebuscada das causas judiciais –, continua, sob inspiração clássica, bastante erudita e formalmente.[20] Pode-se dizer, contudo, que faz de contrapeso à erudição e formalidade da obra o desenvolvimento de um conteúdo nitidamente cristão em uma estrutura simples, que coaduna com o objetivo primário da obra de propor, ao destinatário, a separação das honras do mundo para que se conforme o viver à fé cristã, ou à conversão a esta última: introdução, desenvolvimento, conclusão.

Na introdução,[21] ele fala das circunstâncias em que a obra tem origem[22] e do vigor do conteúdo do discurso religioso.[23] Com uma *captatio benevolentiae*, não só descreve sua hesitação inicial e a transformação pela qual passou ao receber o batismo,[24] para conquistar a disposição de seu interlocutor para ouvir a esse respeito, como também, ao fazê-lo, oferece três parágrafos[25] com concisas e densas considerações acerca dos efeitos da graça batismal. *Grosso modo*, o conteúdo desses três parágrafos quase poderia desenvolver-se em um tratado sobre o batismo.

Já o desenvolvimento da obra, sua parte central,[26] divide-se em duas seções evidentes e desproporcionais:

[18] *Don.* 1.
[19] *Don.* 2.
[20] Agostinho, *doctr. chr.* 4,31 [PatrPaulus 17, 2002, 237-238], reprovará o estilo deste texto de Cipriano como afetadamente pomposo, não apropriado à matéria do discurso cristão, e completamente destoante do estilo das demais cartas cipriânicas.
[21] *Don.* 1-5.
[22] *Don.* 1.
[23] *Don.* 1-2.
[24] *Don.* 3-5.
[25] *Don.* 3-5.
[26] *Don.* 6-15.

a) pars destruens[27] e *b) pars construens*.[28] Essa desproporção explica-se não por uma maior presença do mal no mundo – aliás, nosso autor sequer pretende tratar disso –, mas pela indicação do quanto haja numa vida, social e privada, sem os efeitos da graça batismal que precise ser por esta última transformado.

De fato, Cipriano não pretende destruir nada, ele quer apresentar matéria de fé, tal qual é, sem artifícios.[29] Para que a luz da substância de tal matéria resplandeça, no entanto, ele se empenha por mostrar primeiro as trevas.[30] Com efeito, portanto, mais apropriadamente, a Donato – e ao leitor – propõe-se um díptico.

Ao pintar o primeiro quadro, correspondente às trevas, a apresentação cipriânica da degradação moral da humanidade parte de seus aspectos mais gerais, como as guerras,[31] e passa por lugares públicos da cidade (circo[32] e teatro)[33] até a perversão na privacidade das casas[34] e a iniquidade nos tribunais.[35] Há, portanto, depravações evidentes nas esferas social e privada da vida humana e – nosso autor passa a indicá-lo – isso se deve a algo menos evidente: vaidades (honras, riquezas, poder) promovidas pelos homens como se fossem bens desejáveis.[36] Causa de depravações, tais vai-

[27] *Don.* 6-13. Embora possa ter, de fato, descrito realidades pervertidas, não se pode excluir que, ao fazê-lo, Cipriano tenha tido alguma influência de Tertuliano, *Apologético* [PatrPaulus 46, 2021, 31-190] e *De spectaculis*.

[28] *Don.* 14-15.

[29] *Don.* 2.

[30] Cf. *Don.* 6.

[31] *Don.* 6.

[32] *Don.* 7.

[33] *Don.* 8.

[34] *Don.* 9.

[35] *Don.* 10.

[36] *Don.* 11-13.